

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
27 e 30 de Dezembro de 2025

Good-bye, My Lady / 1956

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Sid Fleischman, a partir do romance de James Street *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): William H. Clothier *Som* (RCA): Earl Crain Sr. *Montagem:* Fred MacDowell *Direcção Artística:* Donald E. Peters *Assistente:* Gordon Gurnee *Cenografia:* Edward G. Boyle *Adereços:* Joseph La Bella *Figurinos:* Carl Walker *Caracterização:* Web Overlander *Música:* Laurindo Almeida (*guitarra*), George Fields (*harmónica*) *Canção:* "When Your Boy Becomes a Man", música de Don Powell, letra de Moris Erby *Assistente de realização:* Al Murphy *Interpretação:* Walter Brennan (tio Jesse Jackson), Phil Harris (Cash Evans), Brandon deWilde ("Skeeter", Claude), Sidney Poitier (Gates), William Hopper (Walden Grover), Louise Beavers (Bonnie Dew), George Chandler (editor do jornal), William A. Wellman (narrador).

Produção: Batjac, para a Warner (EUA, 1956) *Produtor:* William A. Wellman *Produção executiva:* John Wayne *Cópia:* DCP, preto-e-branco, legendado electronicamente em português, 94 minutos *Título de trabalho:* The Boy and the Laughing Dog *Estreia mundial:* 12 de Maio de 1956 *Inédito comercialmente em Portugal* *Primeira apresentação na Cinemateca:* 29 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Aviso

A cópia DCP que vamos apresentar é uma digitalização directa de uma cópia 35 mm e mantém o rasto da matriz em película. O som tem um ruído de fundo constante.

A importância do *western* por excelência, de intérprete do mais belo filme do mundo (seja-me permitido defender a minha dama), **The Searchers**, de actor favorito de Ford e Hawks, em resumo, John Wayne, poderá fazer esquecer o papel que desempenhou noutros campos do cinema. Referimo-nos concretamente ao que teve como produtor, geralmente esquecido. Se como actor foi uma figura inesquecível, nas outras condições devem-se-lhe dois dos mais belos filmes da década de 1950. Foi a sua companhia que produziu **Track of the Cat** e **Good-bye, My Lady**, de William A. Wellman (e recordemos também o apoio que deu a Budd Boetticher e John Farrow, de quem produziu **Seven Men From Now** e **Hondo**, respectivamente, dois dos westerns mais importantes da década). Ora, o "Duke" foi também actor de eleição de Wellman e três dos filmes que, na mesma década, fizeram juntos foram **Blood Alley**, **Island in the Sky** e **The High and the Mighty** [depois das participações em **Central Airport** (1932, material não usado na montagem) e **College Coach** (1933, o último papel secundário do actor)]. Consolemo-nos com as duas obras-primas que a ambos se devem. Na "folha" sobre **Track of the Cat**, João Bénard da Costa refere que este filme nasceu da carta-branca que o actor, como produtor, deu ao seu amigo Wellman, após o êxito comercial de **The High and the Mighty**, para filmar o que quisesse, mesmo que fosse "a lista telefónica". Não o foi, mas sim o espantoso filme que vimos, obra única do cinema americano daquela década. Poderia dizer-se o mesmo deste assombroso **Good-bye, My Lady**, que Wellman considerava o seu filme favorito, cujo desastre económico o deixou desconsolado: "The story was beautiful, the performances superb. How could you miss? But I did."

O que surpreende logo à partida é a serenidade. Se há filme que canta o desenrolar dos dias, serenos e tranquilos, perturbados por breves acontecimentos, no calmo deslizar das águas do rio, a relação íntima com a natureza, esse filme é **Good-bye, My Lady**. E na história do cinema só encontro dois outros que se lhe assemelhem: **Louisiana Story**, de Robert Flaherty, e **The River**, de Jean Renoir. É com o primeiro que as semelhanças são maiores, pelo uso de paisagem idêntica e por se centrar, principalmente, na figura do rapaz. Todo o filme nos surge como uma espécie de rito de passagem. A alegre e despreocupada vida de Skeeter (Brandon de Wilde, o inesquecível garoto de **Shane**, de George Stevens) é posta em causa pela primeira decisão da sua vida, aquela a partir da qual se torna homem ao tomar a responsabilidade pelos seus actos. O instrumento dessa passagem é um cão perdido, mas muitos

outros sinais se espelham ao longo do filme, afirmando a aprendizagem e a maturidade sob o olhar vigilante do velho tio (o desdentado Walter Brennan num papel inesquecível): o café, que é autorizado a beber, a "pose" que para isso toma à mesa, sinais de uma aceitação que culmina no belíssimo final em que o rapaz nos surge com o tio e o dono do armazém em pé de igualdade.

O início de **Good-bye, My Lady** é deslumbrante e define de imediato a sensação de encantamento que perdura durante a hora e meia de filme. Uma casa de madeira no meio da floresta, no tom acinzentado da fabulosa fotografia de William Clothier que lhe dá uma atmosfera onírica, como que saída de uma história de fadas. E, de certo modo, é-o, na medida em que todas estas histórias são também marcas de transição, de passagem de um estágio da vida a outro. À porta da casa o jovem Skeeter, e a série de planos seguintes reforçam a atmosfera de encantamento com o som do vento que atravessa as árvores da floresta, os ramos que se agitam parecendo embalar sonhos de adolescência, as aves e os jacarés, imutáveis habitantes daquela região pantanosa na fronteira da Geórgia com o Mississípi. E o passeio matutino de Skeeter é uma permanente descoberta, festa de maravilhas para os sentidos. E de súbito... De súbito, como símbolo premonitório o pequeno cão Basenji surge-lhe no caminho. Como não evocar, com esta aparição, outra belíssima relação simbólica de um humano com um animal, a de Jennifer Jones com a raposa em **Gone to Earth**, de Michael Powell e Emeric Pressburger? A categoria de símbolo reforça-se com o silêncio do cão. Em momento algum do filme ele ladra (nem mesmo mais tarde, quando é castigado pelo jovem que o capturou, ele gane). Vivo e silencioso, o cão projecta o inconsciente de Skeeter, nessa juventude prestes a morrer para dar lugar ao homem, como a raposa figurava a mesma relação semi-selvagem de Jennifer com a natureza. O velho amigo Cash procura capturar o animal com a ajuda de outros cães que acabarão desfeiteados pela destreza e perícia do cachorro. E a seguir a este primeiro encontro, e a esta primeira luta, temos o "primeiro" café de Skeeter, oferecido pelo tio e saboreado numa espécie de ritual.

O primeiro passo está dado, mas falta ainda um bom pedaço para que o processo se conclua. A segunda fase é a da confiança, conseguindo conquistar o cão perdido e levá-lo para casa. Ao mesmo tempo uma imperceptível mudança começa a insinuar-se na atmosfera geral acompanhando a relação dos dois, o treino de um ecoando a maturidade do outro. Depois é o domínio de si, uma certa segurança conquistada com o treino após a escolha do nome, numa sequência divertida com o tio à porta de casa. Brennan, aliás, tem uma criação portentosa neste velho calmo e bonacheirão, que se levanta de súbito da cadeira onde dorme a sesta para pôr a serra a funcionar, numa eterna ilusão de trabalho. A afirmação pessoal chega com a vitória de Lady que se revela aquilo que é, um cão treinado para a caça, acabando assediado pelos caçadores da região para encontrar pistas. E, finalmente, o momento da decisão, aquele em que o garoto tem de tomar as responsabilidades por si mesmo, quando o dono do cão aparece para o levar. A imagem de Lady na vigia da casota onde é encerrada, e o gesto de adeus de Skeeter é pungente, sim, mas sem nada de enfático (o que seria contrário a todo o cinema de Wellman). É um gesto cuja tristeza reside na sua inevitabilidade e não de uma sobrecarga dramática. E é isto que o distingue de um outro filme famoso sobre o mesmo rito de passagem: **The Yearling**, de Clarence Brown, em que a morte do veado marca o fim traumático da infância. Em **Good-bye, My Lady** a passagem é assumida pelo próprio porque a transição está completada: o garoto transformou-se em homem, e sobre esta mudança vai ouvir-se a belíssima canção tema, "When a Boy Becames a Man".

Neste filme onde nada se passa, passa-se, no fim de contas tanta coisa. **Good-bye, My Lady** é um filme do tamanho da vida.

Manuel Cintra Ferreira